

MACHADO, R. B.; FLORES, C. R. De uma vida modelada pelas narrativas de si: Maria Salett Biembengut. In: VALENTE, W. R. (org.) **Educadoras Matemáticas: Memórias, Docência e Profissão**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2013, p. 229-246.

De uma vida modelada pelas narrativas de si: Maria Salett Biembengut

Rosilene Beatriz Machado
Cláudia Regina Flores

- *São as minhas memórias, dona Benta.*
- *Que memórias, Emília?*
- *As memórias que o Visconde começou e eu estou concluindo. Neste momento estou contando o que se passou comigo em Hollywood, com a Shirley Temple, o anjinho e o sabugo. É um ensaio duma fita para a Paramount.*
- *Emília! exclamou dona Benta. Você quer nos tapear. Em memórias a gente só conta a verdade, o que houve, o que se passou. Você nunca esteve em Hollywood, nem conhece a Shirley. Como então se põe a inventar tudo isso?*
- *Minhas memórias, explicou Emília, são diferentes de todas as outras. Eu conto o que houve e o que deveria haver (Monteiro Lobato, 1950, p.129).*

É sobre as memórias de uma educadora matemática brasileira que se dá a tessitura deste capítulo. Memórias historicamente constituídas que oferecem àquela que as carrega seu próprio ser “quando se observa, se decifra, se interpreta, se descreve, se julga, se narra, se domina.” (LARROSA, 1994, p. 42). Memórias que, tais quais as de Emília, são diferentes de todas as outras, que selecionam, que recortam, que criam, que lhe proporcionam uma experiência de si mesma ao produzir um *eu* no interior de determinadas problematizações e determinadas práticas.

Através de narrativas de si *Maria Salett Biembengut* deu-se a conhecer, a explorar e a criar duplamente. Primeiro, ao estabelecer relações consigo mesma em um exercício de dar sentido a quem é pelas histórias que contou a si própria. Relações estas que

permitem aos indivíduos efetuar, por conta própria ou com a ajuda de outros, certo número de operações sobre seu corpo e sua alma, pensamentos, conduta, ou qualquer forma de ser, obtendo assim uma transformação de si mesmos com o fim de alcançar certo estado de felicidade, pureza, sabedoria ou imortalidade (FOUCAULT, 1990, p. 48).

Segundo, porque das histórias que contou a si resultaram as histórias contadas a outras pessoas. E, dessas histórias, um discurso aqui se apresenta e as [re]presenta. Um discurso híbrido que desenvolve uma narrativa sobre narrativas, constituindo-se das percepções de Salett sobre ela mesma, mas também, das percepções que suas narrativas de si provocaram em outrem¹. “‘*Narrare*’ significa algo assim como ‘arrastar para a frente’, e deriva também de ‘*gnarus*’ que é, ao mesmo tempo, ‘o que sabe’ e ‘o que viu’” (LARROSA, 1994, p. 64). As linhas que preenchem essas páginas têm, portanto, o intuito de levar para frente, apresentar de novo, exteriorizar o rastro do que se viu, imersas na consciência de que o que se viu é, por sua vez, o rastro daquilo que *Maria Salett Biembengut* viu e que foi deixado em sua memória.

“Tenho mil histórias maravilhosas... Sou privilegiada”

“O International Commission on Mathematics Instruction (ICMI), desde 1983, lança uma série de estudos para investigar assuntos significantes à teoria e à prática da Educação Matemática. Na organização de um estudo, o tema é decidido pelo Comitê Executivo do ICMI e posteriormente, é feita a nomeação de um pesquisador para a coordenação e convidados pesquisadores para compor o Grupo: o International Program Committee – IPC. No ano de 2000, foi eleito o 14º tema: *Aplicações e Modelagem em Educação Matemática* e 12 pesquisadores foram convidados para compor o Grupo de Estudo. Em 2000, dezembro, recebi uma carta do ICMI convidando-me a fazer parte deste grupo de pesquisadores. E me perguntei... Por que eu? Há muitos colegas mais representativos na América Latina! O primeiro encontro com o grupo foi em 2001, em Kassel, na Alemanha. Foi maravilhoso esse momento para mim, muito emocionante, porque iria me encontrar com Mogens Niss, Werner Blum, Peter Galbraith: primeiros autores de artigos de outros países que li! E eu pensava: como eu cheguei aqui? Não tinha noção, até hoje eu não tenho noção!”

(...)

“No início de 2009 eu recebi um convite para expor sobre Educação Matemática no International Congress of Mathematicians (ICM), realizado entre os dias 19 e 27 de agosto de 2010 na cidade de Hyderabad na Índia. Fiquei surpresa por estar entre as dez pessoas convidadas da Educação Matemática e me perguntei várias vezes: porque eu, em meio a tantas outras singulares pessoas que há?”

(...)

“De todos os momentos maravilhosos que tive, independente do lugar e das pessoas, acho que o último que me marcou, por ser outro extremo, foi na Finlândia. Passei lá três semanas neste ano de 2012

¹ Híbrido no sentido de coautoria narrativa. Dessa forma, as falas de Maria Salett Biembengut serão incorporadas no presente texto apenas destacadas entre aspas, mas sem uso de recuo.

como visitante em duas Universidades: Lappeenranta University of Technology e Tampere University of Technology. Nesta última, quando o diretor do Instituto de Matemática dá aquele discurso expressando-se encantado com o que eu disse, fiquei muito surpresa porque é outro universo. Ele é matemático! E ele diz: ‘É isso! É isso! Posso tirar cópia do seu material, das suas apresentações em powerpoint e gravar tudo? Preciso mostrar para os meus alunos!’ E me olha e diz: ‘Nossa conversa não termina aqui!’ Isso deu-me uma inspiração, uma felicidade muito grande...” (M^a Salett Biembengut, depoimento oral, 2012).

“Se me perguntar: Você buscou isso? Eu não busquei nada!”

Salett, a caçula de três irmãs, nasceu na cidade de Santo Antônio da Platina, interior do Paraná, em 6 de fevereiro de 1956, mas viveu sua infância no estado de São Paulo. De família muito humilde, pelas mãos de sua mãe, *Matilde Mello Biembengut*, “especial e grande mulher”, costureira, tomou gosto desde muito cedo pela leitura. “Ela comprava muitos livros, dentre estes, as coleções de Machado de Assis, José de Alencar, Shakespeare, Grandes Romances Universais, Enciclopédia Jackson, Mundo Pitoresco e muitos outros. Minha irmã mais velha, Solange, lia a noite para minha mãe enquanto ela costurava até de madrugada e nós (eu e minha irmã Suzett) aproveitávamos e ouvíamos. Lembro, por exemplo, da Solange lendo ‘Éramos Seis’” (M^a Salett Biembengut, depoimento oral, 2012).

Na escola não teve dificuldades, saía-se bem, até porque era habituada à leitura. Logo, não tinha problemas em memorizar aquelas matérias todas e devolver aos professores nas provas. Da matemática sempre gostou porque gostava muito de jogos e, para si, a matemática era (e é) um grande jogo, um desafio... Nunca pensou ou desejou ser professora, tampouco de matemática. Queria mesmo é ser arquiteta. Adorava e continua fascinada pela natureza, gostava de observar ninhos de pássaros, lagartas nas folhas verdes, teias de aranha... E sempre gostou de construções, de obras gigantescas, pontes... Assim, pensava em arquitetura para criar lugares interessantes como os que a natureza nos privilegia.

A vida lhe arquitetava outros caminhos, contudo. Precisava trabalhar. Em São Paulo (SP), aos 18 anos, conseguiu seu primeiro emprego como recepcionista em uma empresa, época em que fez um curso de linguagem de programação chamado COBOL. Nesta mesma empresa teve a oportunidade de fazer um estágio de seis meses na International Business Machines (IBM). Após o estágio, retornou à empresa para se tornar analista de sistemas tão logo um ‘mini-computador’ chegasse dos Estados Unidos. Esse novo horizonte a fez decidir cursar Análise de Sistemas; curso que necessitou interromper por conta do casamento e da mudança para Mogi Guaçu (SP), em meados da década de 1970. Foi nessa cidade, em

uma vida adequada aos padrões familiares - esposa de marido engenheiro, boas condições financeiras - que percebeu que necessitava ir em busca de sua própria identidade.

Precisava fazer uma graduação. As condições impostas naquele momento a fizeram buscar por um curso em uma Faculdade mais próxima de sua casa. Havia três possibilidades: Pedagogia, Letras e Matemática. Como naquele momento Pedagogia não fazia ideia do que era e Português, embora fosse uma disciplina em que se saía bem na escola, não lhe despertava grande interesse, então, por eliminatória, optou por Matemática. E assim, cursou os quatro anos de Licenciatura em Matemática pela Faculdade de Ciências e Letras de Mogi Mirim, de 1976 a 1980. Durante este mesmo período nasceram seus dois filhos. Também, teve a oportunidade de jogar muito tênis de mesa (sua principal atividade nos intervalos de aulas) no Diretório Central de Estudantes (DCE). Embora a maioria dos professores fosse excelente, dando-lhe condições de muita aprendizagem, Salett apreendia os conteúdos necessários e suficientes para cumprir as exigências, obter a nota, o grau. Tudo isso, sem se preocupar em formar-se para ensinar alguém.

Ao finalizar o curso não pensava em ser professora. Entrementes, a conclusão da licenciatura implicava na interrupção de seus “momentos Salett” vivenciados naqueles últimos quatro anos. Percebeu, então, que precisava de outra ocupação. Foi quando foi convencida por sua irmã Suzett, já professora de português, a tornar-se professora. Ideia refutada por um período, mas que acabou por concordar. Assim, na primeira semana de agosto de 1981, participou de uma distribuição de aulas para professores substitutos, que ocorria todos os sábados pela manhã. É nessa primeira participação que assumiu aulas em uma turma de oitava série de uma escola pública estadual da cidade Estiva Gerbi, na época um distrito da cidade Moji Guaçu (SP), há pouco mais de dez quilômetros de sua casa, e com cerca de 5000 habitantes.

“Dedico este livro à ‘turminha da Estiva – SP’, em particular aos alunos que cursavam a 5ª série, noturno, em 1986, na Escola EEPG Bairro Nova Estiva, com quem tenho uma dívida muito especial, pois me inspiraram a buscar alternativas para a possível melhoria da relação ensino e aprendizagem.”²

E agora? O que deveria ensinar àquelas crianças? Por onde começar?

Essas foram suas angústias iniciais tão logo assumiu aquelas aulas. E a resposta? Segundo sua irmã, bastante simples: bastava informar-se sobre o livro didático utilizado e até que ponto o professor anterior havia avançado. Então, era só estudar os tópicos matemáticos na medida em que ia ministrando as aulas... Com o tempo saberia tudo o que deveria ensinar. Mostrar-se segura frente aos alunos era

² Dedicatória do primeiro livro publicado por Maria Salett Biembengut em 1999, sob o título: *Modelagem Matemática & Implicações no Ensino-Aprendizagem de Matemática*.

fundamental, não poderia titubear! Embora achando muito estranho tudo aquilo, assim o fez. Nos quatro dias que antecederam sua primeira aula, estudou os tópicos das quatro ou cinco semanas subsequentes. Afinal, se a ideia era mostrar segurança, deveria saber responder algum questionamento de um conteúdo anterior ou outro ainda por vir.

Era 13 de agosto de 1981. Uma noite de quinta feira, quando adentrou pela primeira vez em uma sala de aula como professora. Tão grande quanto a sua ansiedade em experimentar aquele momento foi a frustração ao olhar para o espaço que por hora se lhe apresentava. Os alunos estavam, em sua maioria, cansados e alguns dormindo. Essa realidade lhe fez repensar sobre o que fazer: passar a “ensinar” o que tinha acabado de “aprender” ou desistir. “Reflexão que fez emergir meu espírito educador, uma revelação. Ao decidir permanecer, começaram a surgir, então, indagações que me acompanham até os dias atuais: o que ensinar? Por que aprender?” (M^a Salett Biembegut, depoimento oral, 2012).

Como poderia fazer alguma diferença na vida daqueles alunos que tinham entre 11 e 16 anos, trabalhadores do corte de cana ou construção civil, que acordavam muito antes de o sol nascer, encaravam um dia pesado de trabalho e que a noite buscavam na escola apenas um “diproma” que talvez, futuramente, lhes garantisse melhores condições de vida? Era em meio a tudo isso que Maria Salett Biembegut começava a constituir-se educadora. Pensou que poderia responder suas inquietações em cursos de extensão de matemática. Fez vários deles, em períodos de férias ou finais de semana, mas, ao contrário de suas expectativas, isso pouco satisfazia suas necessidades, pouco lhe ajudava a compreender como o que ensinava poderia ser útil para seus alunos da Estiva. Apesar disso, seguia como professora, transmitindo conhecimentos sem saber dar-lhes exemplos ou aplicações. Para tentar minimizar essa deficiência, aproximava-se daquelas pessoas, seus alunos, durante os intervalos, conversando sobre suas vidas, dificuldades, vontades, cantando junto, merendando junto, enfim, procurando de alguma forma motivá-los e inspirá-los.

Dos cursos de extensão, supôs que um mestrado pudesse contribuir na questão “aprender para ensinar”. Buscou, dessa forma, em janeiro de 1984, um curso de mestrado no Instituto de Matemática, Estatística e Computação Científica (IMECC) da Universidade de Campinas (UNICAMP). Como as seleções para aquele ano já haviam acontecido, foi orientada a tentar com algum professor uma vaga para cursar uma disciplina isolada. Tentativa frustrada que lhe rendeu dois preciosos nãoos em virtude de sua suposta precária formação em uma faculdade do interior. Nãoos, sob certa ótica, preciosos pois passou a cursar uma disciplina de uma Especialização oferecida pelo IMECC a partir de agosto de 1984, tornando-se em 1986, aluna de uma disciplina do professor Rodney Carlos Bassanezi, “importante biomatemático na linha de Modelagem Matemática e mais que tudo, importante por disseminar a

Modelagem como proposta pedagógica, por meio de Cursos de Especialização que passou a coordenar desde 1982” (M^a Salett Biembengut, depoimento oral, 2012).

Como plantar batatas? Essa foi a frase com a qual Bassanezi iniciou a primeira aula daquela disciplina e da qual seguiram-se as discussões sobre questões matemáticas imbricadas na problemática levantada. Era também o primeiro contato de Salett com Modelagem Matemática. “Era isso! Exatamente isso que eu estava procurando! Ao final da aula saí literalmente correndo atrás do Rodney e falei sobre o interesse em saber mais sobre o tema” (M^a Salett Biembengut, depoimento oral, 2012). Ao lhe expor inquietações e descontentamentos com o “ensino” que praticava, Salett recebeu a sugestão de Bassanezi: “Faça uma maquete com seus alunos...” Acatou a sugestão, mas tinha que decidir: em que turma? Não sabia bem como conduzir, não possuía qualquer embasamento teórico ou prático sobre Modelagem Matemática, a menos da aula que acabara de presenciar sobre como plantar batatas.

Naquele ano de 1986, a diretora da escola da Estiva pediu que assumisse uma quinta série D (6^o ano na denominação atual), formada por alunos entre 14 e 15 anos que já haviam reprovado pelo menos quatro ou cinco vezes. “Na época, se o estudante não conseguisse alcançar um conceito ‘C’ (nota mínima 5,0 entre 0 a 10) em duas disciplinas ele era reprovado. E, em geral, Matemática era uma dessas duas disciplinas” (M^a Salett Biembengut, depoimento oral, 2012). Então, naquele mesmo dia optou por desenvolver o projeto com essa turma, já que era formada por alunos repetentes reincidentes há três, quatro, cinco anos. Valia a pena tentar...

“Com especial vontade de mudança, ao adentrar na sala de aula naquele dia 11 de agosto de 1986, segundo semestre letivo em andamento, rompi a forma de ensino que vinha fazendo e guiada apenas pela intuição, propus aos estudantes que guardassem os cadernos e conversássemos a respeito das promessas políticas que aconteciam (neste ano ocorreriam eleições para governador). Como uma das expectativas da comunidade da qual esses estudantes faziam parte era a construção de casas populares, e por considerar que a casa é a primeira parcela organizada do universo, em torno do ser humano, propus a eles fazer durante as aulas de matemática a maquete de uma casa. Embora meu propósito talvez fosse um tanto nebuloso, a proposta teve boa receptividade, pois significava a passagem da aula ‘monótona’ de matemática para uma aula ‘divertida’ de educação artística. (...)

Quando eu fiz a primeira pergunta: mas o que a gente precisa para construir uma casa? Pela primeira vez vi essa gente toda participando. Eles falavam: ‘Ah, precisa tijolo, dona! Areia, pedreiro, ferro, dona!’ E enquanto eles iam falando eu comecei a escrever no quadro porque eu não sabia o que estava acontecendo. Comecei a escrever todos os palpites... A partir daí, sugeri que desenhassem uma planta baixa de casa. E assim, o projeto foi sendo desenvolvido finalizando com a elaboração da maquete. Ao final daquele ano o resultado foi fantástico e é aí que vou despertando para as questões

voltadas à Educação Matemática e Modelagem Matemática aplicada ao ensino” (M^a Salett Biembengut, depoimento oral, 2012).

Em 1987 Salett passou a atuar como professora em uma escola particular de realidade completamente oposta à que vivenciara até aquele momento. Bassanezi, então, sugeriu-lhe que fizesse um trabalho semelhante ao que havia desenvolvido no ano anterior. Nessa escola, lecionava duas disciplinas – matemática e desenho – em duas turmas de primeiro ano do Ensino Médio. Ao levar a proposta de um trabalho diferenciado, a coordenação pedagógica lhe permitiu que o aplicasse apenas nas aulas da disciplina de desenho. Com estes alunos foi desenvolvido, naquele ano, dois projetos. No primeiro bimestre ensinou parte da geometria plana por meio de ornamentos; e no segundo bimestre, propôs a construção de um bairro de uma cidade. Ambos, resultaram em sucesso e total aprovação dos alunos. “E eu fazia essas coisas para que? Só para dar boa aula, para me sentir feliz! Para que minhas aulas fizessem sentido para mim e para eles!” (M^a Salett Biembengut, depoimento oral, 2012).

Foi a partir daí que começou a saber, de fato, o que era Educação Matemática. Bassanezi passou a enfatizar a necessidade de que seus três trabalhos fossem escritos como livro, transformados em documentos. Sem muita noção do que era um congresso, participou do I Encontro Nacional de Educação Matemática (ENEM), realizado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) em 1987 e, em janeiro de 1988, no II ENEM, realizado em Maringá (PR), apresentando os trabalhos de ornamentos e da construção do bairro, realizados com os alunos do Ensino Médio.

“Aí as coisas começam estranhamente a mudar na minha vida...”

Ainda em 1987 foi monitora do professor Rodney Bassanezi em dois cursos de formação de professores ministrados no interior de São Paulo, nas cidades de Jaboticabal e Amparo. No segundo desses cursos, dentre as opções apresentadas, os professores preferiram desenvolver o trabalho da maquete realizado por Salett. “Rodney me olhou e disse: O curso é seu, volto aqui no final! (risos)” (M^a Salett Biembengut, depoimento oral, 2012). Pela primeira vez em sua vida dava aula para professores e, na medida em que iam desenvolvendo a maquete, começava a surgir as perguntas: “Mas como fazer isso? Como avaliar o aluno? Em que momento se deve ensinar o conteúdo? E se..? E se...?”

Começou a pensar sobre essas questões, buscava ideias, maneiras de responder tais perguntas, mas era preciso refletir sobre isso. No final desse ano, então, escreveu seus dois primeiros trabalhos, enviados ao II ENEM e decidiu, a partir dos conselhos de Bassanezi, seguir no mestrado em Educação Matemática oferecido pela Universidade Estadual de São Paulo (UNESP). Conseguiu ingressar neste curso em 1988, ainda sob a orientação de Rodney Bassanezi. E, é somente nesse período que vai ler os

primeiros artigos sobre Modelagem Matemática, incluindo trabalhos de autores de diversos países, já que ainda eram poucas as produções brasileiras publicadas. Dentre as principais produções lidas naquele ano encontram-se as de autoria dos professores Rodney C. Bassanezi e Aristides C. Barreto.

Durante o II ENEM duas coisas muito importantes aconteceram ao apresentar suas comunicações científicas: uma delas foi o convite para ministrar uma palestra em Macaé (RJ); a segunda, foi a assinatura que concedeu para fundar a Sociedade Brasileira de Educação Matemática (SBEM). Ainda em 1988, recebeu outros convites para ministrar palestras, dentre estas, uma na Universidade São Judas, em São Paulo (SP), e outra na Universidade Federal de Goiás, Goiânia (GO). Recebeu também, convites para ministrar disciplinas em Cursos de Especialização em Modelagem, sob a coordenação de Bassanezi, na Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá (MT), Universidade Estadual do Paraná, Ponta Grossa (PR), Universidade Regional de Ijuí, Ijuí (RS), dentre outras tantas palestras.

Em 1988, realizou outras duas experiências pedagógicas de Modelagem com turmas de segundo ano do Ensino Médio, na escola privada em que atuava, mas agora seguindo a proposta defendida por Bassanezi naquela época. A proposta era que os alunos se reunissem em grupo e elegessem um tema de interesse deles, de forma que a matemática fosse ensinada na medida em que se fizesse necessária. “Porque até então, embora Bassanezi julgasse os trabalhos, tanto da maquete quanto do bairro, maravilhosos, ainda não atendiam as ideias propostas de Modelagem para o ensino, já que nos trabalhos que desenvolvi eu é quem tinha sugerido os temas...” (M^a Salett Biembengut, depoimento oral, 2012). Assim, procurou seguir parte da proposta de Bassanezi, mas tentando direcioná-la ao conteúdo programático, porque a escola cobrava que o programa fosse cumprido. Sob tal perspectiva, nas duas turmas de segundo ano formaram-se onze grupos, onze temas e era preciso organizar as aulas de acordo com o conteúdo do Ensino Médio, o que era bastante difícil. Boa parte dos trabalhos precisava ser desenvolvida em outro horário, outro período escolar, em que Salett e seus alunos participavam voluntariamente.

Com essa experiência, e a partir das perguntas dos professores nas palestras que realizava, percebeu, no final de 1988, que essa maneira de fazer Modelagem não era tão simples de se realizar na Educação Básica. “Uma coisa é fazer Modelagem Matemática como pesquisador, outra é querer usar Modelagem na educação formal, que possui uma estrutura com horários, tempos, programa curricular, dentre outras coisas a serem cumpridas. Tem que haver adaptação!” (M^a Salett Biembengut, depoimento oral, 2012). Então, durante o ano de 1989, desenvolveu dois outros projetos com duas turmas de

estudantes do primeiro ano de Ensino Médio, que complementaram os dados obtidos desde 1986, e que a levaram a definir em sua dissertação de mestrado, em 1989³, o termo *Modelação Matemática*.⁴

Nesse período, dentre os lugares em que esteve a convite para realizar palestras, visitou a Universidade Regional de Blumenau (FURB), em maio de 1989. De sua primeira estada da FURB, recebeu a proposta para trabalhar na Universidade. Na verdade, inicialmente, foi convidada para retornar no mês de outubro daquele ano para ministrar um curso *latu sensu*. Ao retornar, recebeu um convite para que trabalhasse definitivamente ali, podendo organizar um grupo de estudo e pesquisa em Educação Matemática e dando continuidade às atividades que vinha desenvolvendo. Aceitou ficar apenas por um ano, em 1990. Entretanto, acabou permanecendo na FURB, frente às ótimas condições de trabalho que lhe foram oferecidas e, também, a pedido do Pró-Reitor da Universidade, professor José Valdir Floriani, a fim de auxiliá-lo na organização do IV ENEM que aconteceria na cidade, em janeiro de 1992. Nessa instituição atuou como professora até 2010, quando se aposentou, mas permanecendo até os dias atuais, como professora voluntária.

Como nunca havia organizado um evento, Salett decidiu promover um “pré-evento” para compreender todo o processo de organização envolvido. Foi assim que organizou, em 1991, o I Encontro de Estudantes de Matemática, realizado no Teatro Carlos Gomes em Blumenau, contando com a participação de mais de 500 estudantes vindos de todo o país. Isso lhe deu certo conhecimento para organizar o IV ENEM, do qual acabou sendo coordenadora, e que igualmente foi um sucesso, recebendo mais de 1500 pessoas.

“No ENEM cometi um dos maiores erros da minha vida...”

Naquele ENEM, realizado em Blumenau em 1992, Salett assumiu ser presidente da SBEM. “Isso foi muito difícil para mim, trouxe um prejuízo emocional muito grande, de desgaste físico, muita pressão... Naquele final de ENEM não havia nenhum grupo disposto a assumir a presidência da SBEM e alguns acharam que eu poderia ser essa pessoa. Junto a isso, em meio às movimentações no ENEM, também me propuseram organizar o II Congresso Iberoamericano de Educação Matemática (CIBEM) que aconteceria em 1994. No calor do momento aceitei!” (M^a Salett Biembengut, depoimento oral, 2012).

³ BIEMBENGUT, Maria Salett. *Modelação Matemática como método de ensino-aprendizagem de Matemática em cursos de 1º e 2º graus*. Dissertação de Mestrado – Mestrado em Educação Matemática, Universidade Estadual de São Paulo, Rio Claro, 1990. 210p.

⁴ Biembengut (1997, p. 89), define Modelação Matemática como “um método que usa a essência da Modelagem Matemática para ensinar, em cursos que tem o programa (currículo) pré determinado”. Este método diferencia-se da Modelagem no ensino, pois utiliza-se de um único tema para extrair o conteúdo programático.

Ficou três anos como presidente, após as gestões de Nilza Eigenheer Bertoni e Luis Roberto Dante. Essa foi uma realidade totalmente oposta daquela que vivenciava em suas palestras. “Na SBEM era realmente um desafio difícil a cada dia.” (M^a Salett Biembengut, depoimento oral, 2012). Mas conseguiu seguir em frente, apesar dos excessos de trabalho e das críticas negativas que recebia, vez por outra, por carta. Em toda palestra que realizava nesse período levava o material da SBEM, distribuía aos professores e retornava com muitos sócios. Iniciou sua gestão com cerca de 1500 associados e finalizou com um número superior a 5000. Organizou as quatro primeiras revistas da SBEM, realizou outros cinco *Temas e Debates* e também, coordenou o II CIBEM em Blumenau, em julho de 1994. Além disso, organizou um boletim informativo, bimestral, o qual escrevia do começo ao fim. As centenas de cartas que recebia por semana, por exemplo, enviadas aos sócios, respondia individualmente e manuscrito, para na sequência serem datilografadas por sua secretária, Arlei Trentini. Ainda, a cada bimestre, encaminhava cerca de 5000 correspondências (folders, informativos, revistas, etc) aos sócios e instituições (escolas e universidades). Tais correspondências precisavam ser postas em envelopes, coladas e etiquetadas. “Esse trabalho era feito por mim, meus dois filhos, Arlei e seu marido, madrugada a fora, pois queria cumprir os prazos.” (M^a Salett Biembengut, depoimento oral, 2012).

Paralelamente e após esse período de três anos de SBEM, foi percorrendo o caminho da Modelagem realizando trabalhos nas suas práticas. Na FURB fez Modelagem nas disciplinas de Cálculo Diferencial Integral que lecionava nos Cursos de Engenharia (Civil, Química e Elétrica), também com Arquitetura, Biologia, Ciências Econômicas, enfim, com qualquer turma que assumisse para dar aula. Mas fazia isso segundo a *sua* visão de Modelagem. Fez isso por muitos anos e foi escrevendo sobre essa visão e suas experiências. “Ia escrevendo meus materiais didáticos, para cada turma, de acordo com o curso e os temas a serem modelados, sem me preocupar... Se olhar o meu currículo tem um monte de coisas publicadas, mas aquilo é um pedaço mínimo do que eu já escrevi na minha vida. Até porque eu nunca quis ter nenhum espaço, nunca quis ser presidente da SBEM. Ocupei a SBEM e outros espaços pois, em algum momento, mandaram eu estar nessas posições. E assim estive, obedeci e tentei corresponder às expectativas. Nunca quis organizar congresso, nunca quis ser presidente deste ou daquele Comitê. E mesmo assim, acabei sendo vice-presidente e depois presidente do Comitê Interamericano de Educação Matemática (CIAEM). As coisas sei lá porque foram acontecendo, eu fui aceitando, e com prazer. Inicialmente, eu só tinha como foco meus alunos da Estiva e depois, nas andanças, eu passei a ter foco nos professores que, como eu, foram fazer matemática por falta de opção e na falta de opção ficavam se sentindo angustiados em como ensinar” (M^a Salett Biembengut, depoimento oral, 2012).

Apesar de sua vontade em fazer um Doutorado em Educação na UNICAMP, os filhos, a casa, a presidência da SBEM, a organização do Congresso Iberoamericano e as palestras pelo mundo afora acabaram por levar Salett a iniciar seu doutoramento, em 1994, em Engenharia de Produção e Sistemas pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), já que por localidade espacial era mais próximo de sua residência. “Para mim, escrever uma tese sobre a Modelagem no ensino de engenharia foi bastante tranquilo porque eu tinha muito claras as ideias; comecei muito segura no que eu acreditava. Crença baseada em algumas dezenas de atividades pedagógicas que realizei direta e indiretamente, por meio de professores simpatizantes às minhas propostas e ainda de vivências, palestras e cursos.” (M^a Salett Biembengut, depoimento oral, 2012).

De sua preocupação com os alunos e professores, foi idealizado e fundado o Centro de Referência em Modelagem Matemática no Ensino (CREMM) em 2006, sediado na FURB⁵. Esse centro tem por objetivo promover ações que contribuam para a Educação Matemática e dispor de um sistema de documentação referente a pesquisas e práticas pedagógicas de Modelagem Matemática no ensino dos mais diversos países, a fim de subsidiar alunos, professores e pesquisadores. Nessa perspectiva, uma de suas funções é orientar, por meio virtual, alunos, professores e pesquisadores tanto para o ensino quanto para a pesquisa. Esse atendimento ao professor, no entanto, embora tenha sido oficializado em 2006, já vem sendo realizado por Salett praticamente desde 1990, através de cartas por meio postal e virtual. São solicitações de professores quanto a sugestões e ideias de como ensinar tal ou qual conteúdo, como utilizar Modelagem em suas aulas ou implantar algum projeto de ensino, nas mais diversas fases de escolaridade.

“Esses momentos de proximidade com as pessoas foram os que fizeram valer a pena ter nascido e vivido...”

De todas as palestras que ministrou, uma lhe é especialmente marcante. Em 1995 foi conduzir um curso de dois dias para professores em uma pequena cidade do interior do Espírito Santo. Quando chegou ao local, uma escola pública, subindo a escadaria percebeu um tumulto. Virou-se para trás e avistou um caminhão parado, cheio de professores em cima. Havia, ainda, gente chegando de carroça, de bicicleta, de kombi... “Foi aí que eu senti que nós somos impostores, principalmente nós do meio universitário.. Temos título, temos adequadas condições de trabalho, mas nós, de fato, o que sabemos? Uma pessoa que vem em cima de um caminhão, de uma carroça, para ouvir alguém ficar ‘arrotando sabedoria’, dizendo o que eles têm que fazer... Era comum naquela época se ouvir nas discussões entre

⁵ Cujos endereço eletrônico é: www.furb.br/cremm

pares que a maioria dos professores era resistente à mudança. Ao me deparar com aquelas pessoas maravilhosas, sentadas no pátio de uma escola em uma cadeira, com caderninho no colo e copiando tudo o que eu dizia durante dois dias, pensei: são mesmo resistentes à mudança? Quem sou eu perto dessa gente? Tal como pensei quem sou eu, quando estive na frente do pessoal da Estiva que cortava cana o dia inteiro e ia para escola me ouvir ‘arrotar’ conhecimento...” (M^a Salett Biembengut, depoimento oral, 2012).

As vivências com estudantes da Educação Básica e Superior e, especialmente, com professores de tantos lugares, culturas e experiências do Brasil, contribuíram e ainda contribuem para a defesa da Modelagem não apenas como método de ensino de matemática. Em seu próximo livro a ser publicado⁶, defende a Modelagem de forma diferente da que defendia inicialmente. Pensa hoje na Modelagem como um método *no* ensino, que leve o estudante a fazer pesquisa. Método que pode ser utilizado em qualquer disciplina da Educação Básica. Como não se faz pesquisa sem conhecimento, os conteúdos do programa curricular e não curricular da disciplina em questão são ensinados na medida em que os estudantes fazem pesquisa.

“Se somos professor de matemática é uma desculpa que temos para ensinar a fazer pesquisa em nossa disciplina, adaptando os conteúdos curriculares durante o processo. Se somos contra esses conteúdos curriculares vigentes, podemos ir alterando esse programa na medida em que vamos guiando os alunos em suas pesquisas... Mas enquanto não sabemos sugerir alterações, podemos utilizar nosso espaço, organizando o programa curricular de tal maneira que nossos alunos aprendam a fazer pesquisa. Pesquisa aqui entendida não no sentido popular de simples levantamento de dados ou informações na *internet*, mas sim, de um problema, uma situação, para debatermos e buscarmos meios para melhorá-la. Melhorar para si, mas principalmente para o outro. E aí, como se pode fazer melhor? A expectativa é que nas minhas aulas de matemática, ou quem sabe de física, ou de biologia, ou de português, ou de artes, por exemplo, eu possa instigar alguns alunos a querer ser melhor em alguma coisa. E se eu ensinar-lhe o processo da pesquisa, quem sabe ele se descobre e percebe que quer ser melhor cantor, melhor modelo fotográfico, melhor cozinheiro, ou dentista, ou pesquisador, ou um matemático, inclusive. Essa é a minha defesa hoje.” (M^a Salett Biembengut, depoimento oral, 2012).

“Eu não quero ter nada, eu só quero ser melhor para alguém. Essa foi minha regra de vida...”

Salett concluiu dois pós-doutoramentos em Educação. Um pela Universidade de São Paulo (USP), em 2003, e outro pela University of New Mexico, em 2009. Foi professora visitante da

⁶ *Modelagem na Educação Básica: um caminho para aprender para ensinar*. No prelo, publicação prevista para início de 2013.

Faculdade de Educação da Universidade de Salamanca na Espanha, em 2003 e em 2012; também da Faculdade de Matemática da Technische Universitat de Dresden na Alemanha, em 2009, ainda da Lappeenranta University of Technology e da Tampere University of Technology, ambas na Finlândia, em 2012. Atualmente tem uma rotina de trabalho bastante intensa, dividida entre suas palestras, cursos e participações em congressos por todo o mundo, entre suas atividades no CREMM, na FURB, onde é professora voluntária, e entre suas atividades na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), onde atua na Faculdade de Matemática e no Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências e Matemática, desde agosto de 2010.

Em todas as atividades realizadas ao longo de sua vida, seu objetivo foi sempre “olhar para o outro. Isso é o que nos fica, é o que nos torna, de fato, importantes para nós mesmos, para os nossos e para o próximo. Se não, não vale a pena ter vivido. Não vou esquecer jamais o pessoal da Estiva que me propiciou esse olhar para o mundo. Se não fossem eles, quem sabe eu estivesse reproduzindo aulas de matemática até hoje sem saber por que. Eu não sei se aqueles alunos aprenderam matemática, mas o que de fato me importa é que eles tornaram-se lembrados por mim até os dias atuais. E se eu for lembrada por algumas pessoas, alguns alunos, terá valido a pena ser professora. É por isso que eu continuo apostando no endereço escola: espaço em que eu possa provocar inspiração em alguém a querer ser melhor para melhorar esse mundo que a gente vive!” (M^a Salett Biembengut, depoimento oral, 2012).

É assim que Maria Salett Biembengut encerra a narrativa de sua identidade e permanência no tempo. É dessa forma que arremata a “cisão entre o eu entendido como aquilo que é conservado do passado, como um rastro do que viu de si mesmo, e o eu que recolhe esse rastro e o diz” (LARROSA, 1994, p. 64). Salett foi se constituindo professora, educadora e pesquisadora, em seu próprio transcorrer temporal. Não em um tempo linear e abstrato, mas em uma dimensão temporal daquilo que é para si mesma e que nos foi apresentado na unidade de sua história de vida.

Vasculhou suas memórias e buscou suas recordações. Delas, e com elas, pôde imaginar-se, fabricar-se e inventar-se. “Aprendeu a reduzir a indeterminação dos acontecimentos, dos azares, das dispersões. (...) Aprendeu a ter um passado e a administrar um futuro. A saber o que lhe acontece. A fazer-se inteligível em sua própria história, dando-lhe uma origem ou um destino, uma trama, uma série de transformações controladas, um sentido” (Ibidem, p. 75).

Tornou-se contável, prestou contas de si mesma e deu sentido ao que é. Afinal, “sempre quis ser alguma coisa, não ter. Ter é consequência” (M^a Salett Biembengut, depoimento oral, 2012). Este texto, ao apresentar uma de suas possíveis biografias, tenta levar para frente o sentido que deu a si e que nos foi dado. É provável que já não seja mais o mesmo e que desdobre-se em muitos outros a partir daqui.

Ainda assim, mesmo cambiantes, ao modelarem Maria Salett Biembengut, certamente nunca deixarão de revelar a reminiscência e invariante originalidade de uma *obra prima*:

Ah, o instante de fazer experimentação! Ah, educar como obra de arte! Ah, educar com potência criadora, apta a reverter ordens e representações! Ah, educar afirmando a Diferença no estado de revolução permanente do eterno retorno! Ah, educar para mostrar a diferença diferindo! Ah, educar apenas uma diferença entre as diferenças! (CORAZZA, 2006, p.18).

Referências

BIEMBENGUT, Maria Salett. *Entrevista concedida a Rosilene Beatriz Machado e Cláudia Regina Flores*, em 14 de agosto de 2012. Gravação digital. Local: casa da entrevistada em Blumenau, SC.

BIEMBENGUT, Maria Salett. *Modelagem Matemática & Implicações no Ensino-Aprendizagem de Matemática*. Blumenau: Edifurb, 1999, 134p.

BIEMBENGUT, Maria Salett. *Qualidade no ensino de Matemática na engenharia: uma proposta metodológica e curricular*. Tese de Doutorado - Curso de Engenharia de Produção e Sistemas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997, 305p.

BIEMBENGUT, Maria Salett. *Modelação Matemática como método de ensino-aprendizagem de Matemática em cursos de 1º e 2º graus*. Dissertação de Mestrado – Mestrado em Educação Matemática, Universidade Estadual de São Paulo, Rio Claro, 1990. 210p.

CORAZZA, Sandra Mara. *Artistagens: filosofia da diferença e educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, 117p.

FOUCAULT, Michel. Tecnologias del yo. In: *Tecnologías del yo y otros textos afines*. Barcelona, Paidós, 1990 (edição original em: L.H.Martin, H.Gutman e P.H.Hutton (Eds.). *Technologies of the self. A seminar with Michel Foucault*. Londres, Tavistock, 1988).

LARROSA, Jorge. Tecnologias do eu e educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu. *O sujeito da educação*. Petrópolis: Vozes, 1994, p.35-86.

LOBATO, Monteiro. *Memórias de Emília*. São Paulo: Brasiliense, 1950, 120p.